



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
UNIDADE ACADÊMICA DE HISTÓRIA
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA

LUIZ FERNANDO OLIVEIRA SOUSA

**É XOTE, BAIÃO, MILHO VERDE, É SÃO JOÃO EM CAMPINA”:
HISTÓRIAS DE TRADIÇÕES E MODERNIZAÇÃO DA FESTA JUNINA
NA ÚLTIMA DÉCADA**

CAMPINA GRANDE, PB 2023

LUIZ FERNANDO OLIVEIRA SOUSA

**É XOTE, BAIÃO, MILHO VERDE, É SÃO JOÃO EM CAMPINA”:
HISTÓRIAS DE TRADIÇÕES E MODERNIZAÇÃO DA FESTA JUNINA
NA ÚLTIMA DÉCADA**

Monografia apresentada à disciplina Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) do Curso de Licenciatura em História da Unidade Acadêmica de História da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito para obtenção de nota.

Orientadora: Profa Dra Silêde Leila Oliveira Cavalcanti

CAMPINA GRANDE, PB2023

RESUMO

O São João de Campina Grande é uma das maiores festas juninas do mundo e tem uma história rica e interessante. A festa começou em 1983, quando o prefeito Ronaldo Cunha Lima decidiu criar um evento para celebrar a cultura junina nordestina. Desde então, o São João de Campina Grande cresceu e se modernizou, tornando-se um evento de renome internacional. Ao longo dos anos, o evento passou por muitas mudanças, porém nos últimos 10 anos conseguimos perceber diversos processos de modernizações. O espaço da festa foi ampliado e sofreu mudanças no seu layout, além de receber novas atrações e atividades para os visitantes. A quantidade de público também aumentou significativamente, com pessoas de todo o mundo vindo para participar da festa. Em 2022, o São João de Campina Grande foi reconhecido pelo Instituto Ranking Brasil como a maior festa junina do país. Além disso, a festa assim como todas as culturas, vem sendo afetada pelo processo de globalização, o que leva cada vez mais a uma variação nas suas programações, aderindo a diversos ritmos musicais, com shows de artistas locais e nacionais, apresentações de quadrilhas, comidas típicas e muito mais. Além disso, a mídia que é uma das principais impulsionadoras da festividade, tem encontrado cada vez mais forma de se tornar acessível e fornecer informações rapidamente, também graças aos processos de globalização e modernização dos meios digitais. O evento é realizado no Parque do Povo, que é decorado com bandeirinhas coloridas, cidade cenográfica retratando pontos turísticos e outras decorações temáticas. A festa tem uma forte influência política, sendo tradicionalmente uma vitrine para os políticos locais.

Palavras Chave: São João, Campina Grande, Política, Cultura.

Sumário

1. INTRODUÇÃO	6
CAPITULO 1	7
2. MEMÓRIAS, TRADIÇÕES E CONSTIUIÇÃO DA FESTA JUNINA CAMPINENSE NO “MAIOR SÃO JOÃO DO MUNDO”	7
2.1 A FESTA JUNINA E SUA CHEGADA AO BRASIL	9
3. AS FESTAS JUNINAS TRADICIONAIS E SUAS HERANÇAS CULTURAIS MÚLTIPLAS.	101
4. CAMPINA GRANDE E O MAIOR SÃO JOÃO DO MUNDO	133
4.1 A HISTORIA DO PARQUE DO POVO	144
4.2 A VARIEDADE MUSICAL NOS DIFERENTES AMBIENTES DO PARQUE DO POVO	16
4.3 VILA SITIO SAO JOÃO EM CAMPINA GRANDE	Erro! Indicador não definido. 8
5. OLIGARQUIA E PODER POLITICO E SUA RELAÇÃO COM A CONSTRUÇÃO DO MAIOR SAO JOAO DO MUNDO	19
CAPITULO 2	21
6. QUAL O PAPEL DA MÍDIA NO SÃO JOAO DE CAMPINA GRANDE?	21
7. TURISMO E SEU IMPACTO ECONOMICO NOS FESTEJOS JUNINOS DE CAMPINA GRANDE.....	24
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	26
REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS.	28

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – Quadrilha Junina em apresentação durante o São João de 2019.

FIGURA 2 – Recebimento do título de “maior festa junina do país” pelo prefeito Bruno Cunha Lima em 2022.

FIGURA 3 – Construção da pirâmide do parque do povo no ano de 1986.

FIGURA 4 – Inauguração do parque do povo em maio de 1986.

FIGURA 5 – Layout do parque do povo para o São João de 2013.

FIGURA 6 – Área física da Vila Sítio São João em 2023.

FIGURA 7 – Jornal televisivo divulgando data de início do São João.

FIGURA 8 – Divulgação da programação do São João por meio das rede sociais.

FIGURA 9 – Edição digital do jornal “O Estado de São Paulo”.

1. INTRODUÇÃO

O maior São João do mundo é uma festa popular que acontece na cidade de Campina Grande, na Paraíba, durante todo o mês de junho, em homenagem aos santos juninos: Santo Antônio, São João e São Pedro. A festa é considerada a maior do país e uma das maiores do mundo, atraindo milhões de visitantes de todo o Brasil e do exterior. A festa é realizada no Parque do Povo, um espaço de 42 mil metros quadrados que é decorado com réplicas de prédios históricos da cidade e tem uma grande pirâmide, onde ocorrem os principais shows de artistas famosos. A festa também conta com barracas de comidas típicas, quadrilhas, casamentos matutos, fogueiras e muito forró.

O maior São João do mundo teve início em 1983, de forma improvisada, em uma palhoça montada na área onde hoje é o Parque do Povo. A ideia foi do então prefeito Ronaldo Cunha Lima, que quis valorizar a cultura popular nordestina e criar um espaço de lazer, cultura e turismo para a população. Em cinco anos, a festa já estava incluída no calendário turístico do Brasil. A festa cresceu e se consolidou ao longo dos anos, recebendo o título de maior festa junina do país, concedido pelo Instituto Ranking Brasil em 2022. A festa também se tornou um símbolo da identidade e da autonomia política de Campina Grande, que sempre se sentiu marginalizada e explorada pelas oligarquias locais e nacionais.

O maior São João do mundo é uma expressão da riqueza e da diversidade da cultura nordestina, que incorpora e transforma as manifestações de outras culturas, como a francesa, a portuguesa e a africana. A festa é uma oportunidade de celebrar a fé, a alegria e a diversidade do povo brasileiro, que se identifica com os valores e as tradições juninas. A festa também é uma forma de preservar e difundir a cultura popular nordestina, que é ameaçada pela globalização e pela invasão de ritmos estranhos ao forró. A festa valoriza os artistas locais e regionais, que mantêm vivo o legado de cantores como Luiz Gonzaga e Dominguinhos, entre outros, além de sempre homenagear artistas renomados da cultura regional, a exemplo do ano de 2019 quando, em homenagem ao centenário do cantor e compositor parabaino Jackson do Pandeiro, nomeou o palco principal do evento com seu nome. A festa também resgata e recria elementos da cultura sertaneja, como o xaxado, o baião, o repente, a literatura de cordel, o artesanato, a culinária, entre outros.

A mídia nacional e internacional, que contribuiu para divulgar e valorizar a festa.

A mídia foi responsável por cobrir os eventos, entrevistar os participantes, transmitir os shows, mostrar as atrações e as curiosidades da festa, além de promover o turismo na região.

A mídia também foi um canal de comunicação entre a organização da festa e os visitantes, informando sobre a programação, os serviços, a segurança e a infraestrutura da festa. Foi também um espaço de debate e de reflexão sobre os desafios e as oportunidades da festa, que envolve questões sociais, econômicas, ambientais e culturais.

Também existiram dimensões políticas, que envolveram os interesses e os conflitos dos atores locais, regionais e nacionais. A festa foi uma forma de afirmar o protagonismo e a liderança de Campina Grande no cenário político da Paraíba e do Nordeste, que sempre foi marcado pela presença e pela influência das oligarquias locais. Essa festividade foi também uma forma de atrair o apoio e o reconhecimento do governo estadual e federal, que investiram na infraestrutura e no patrocínio da festa. Além disso, foram ainda uma forma de projetar a imagem e a popularidade dos políticos que se envolveram na organização e na participação do evento, como o ex-prefeito Ronaldo Cunha Lima, que idealizou a festa, e o atual prefeito Bruno Cunha Lima, que recebeu o título pelo Instituto Ranking Brasil.

A festa se tornou um dos principais destinos turísticos do Brasil, atraindo milhões de visitantes de todo o país e do exterior. O evento movimenta a economia local e regional, gerando emprego e renda para os setores de hospedagem, alimentação, transporte, comércio, entretenimento, entre outros. Além disso, ela estimula o desenvolvimento de novos atrativos turísticos na cidade e na região, como o Sítio São João, o Memorial do São João, a Vila do Artesão, o Museu do Algodão, o Museu do Homem do Nordeste, entre outros. Sem conta que também oferece aos visitantes a oportunidade de conhecer a história, a cultura, a gastronomia, a natureza e a hospitalidade do povo nordestino.

CAPITULO 1

2. MEMÓRIAS, TRADIÇÕES E CONSTITUIÇÃO DA FESTA JUNINA CAMPINENSE NO “MAIOR SÃO JOÃO DO MUNDO”

As festas juninas são apontadas por historiadores que suas origens estão diretamente relacionadas às celebrações pagãs celebradas na Europa durante a

transição da primavera para o verão, numa época chamada de solstício de verão. Essas festas eram celebradas para afastar os maus espíritos e parasitas que poderiam afetar as plantações. Para entender melhor isso, considere que o solstício de verão cai exatamente em junho no Hemisfério Norte.

A cristianização das celebrações por vários povos pagãos da Europa começou quando o cristianismo se estabeleceu como uma região significativa do continente europeu. Portanto, o feriado originalmente pagão foi incluído no calendário dos feriados católicos.

Para Silva, é preciso considerar que o solstício de verão no hemisfério norte acontece exatamente no mês de junho. As comemorações realizadas por diferentes povos pagãos europeus começaram a ser cristianizadas a partir do momento em que o Cristianismo se consolidou como a principal região do continente europeu. Assim, a festa originalmente pagã foi incorporada ao calendário festivo do catolicismo. Essa foi uma prática comum da Igreja Católica (SILVA , 2023).

Podemos afirmar também que a partir da observação de fenômenos meteorológicos, climáticos ocorridos no mes de junho, e suas implicações nas crenças e costumes culturais dos povos, surgem as motivações para as celebrações festivas de São João ou festas juninas (nome dado por serem realizadas durante o mês de junho). No entanto, não há um consenso entre os autores sobre suas origens. De acordo com a antropóloga brasileira Rita Amaral (1998), as festividades juninas são resultado de uma mistura de tradições pagãs e cristãs, que foram incorporadas ao calendário festivo do catolicismo .

A cristianização do feriado está diretamente relacionada com a introdução de celebrações de figuras importantes do catolicismo, precisamente na época da transição para o verão, incluindo os santos, Antônio (venerado em 13 de Junho), São João (24 de Junho) e São Pedro (29 de Junho). Finalmente, muitos elementos típicos das festas pagãs adquiriram um novo significado." (SILVA , 2023).

Segundo Jiaqi posteriormente, foram acrescentadas devoções específicas para cada santo, com o objetivo de fazer pedidos diferentes. A partir desse momento, as festas juninas deixaram de ser apenas lúdicas e pagãs e passaram a ter um caráter religioso, em virtude do domínio católico e do crescente número de fiéis que acreditavam nos preceitos do cristianismo no mundo ocidental, os quais influenciaram profundamente as características culturais de um povo (Jiaqi, 2021).

2.1 A FESTA JUNINA E SUA CHEGADA AO BRASIL

As celebrações do 10 de Junho eram uma tradição muito popular na Península Ibérica (Portugal e Espanha) e por isso foram aqui introduzidas pelos portugueses durante a colonização, juntamente com muitas outras tradições.

Quando foi introduzida no Brasil, a festa era conhecida como Festa Joanina em homenagem à santa Giovanni, mas com o passar dos anos o nome foi alterado para Festa Junina em homenagem ao mês em que acontece, ou seja, Junho.

Originalmente a festa tinha uma forte conotação religiosa, conotação que se perdeu parcialmente porque muitos a consideram uma festa popular e não religiosa. Além disso, o desenvolvimento das festividades juninas no Brasil levou à sua associação com símbolos típicos do meio rural. Outra característica muito comum é vestir-se como o “idiota da aldeia” de forma caricaturada.

Alem disso os colonizadores portugueses adaptaram as comemorações do Décimo Junho ao contexto brasileiro, incorporando elementos das culturas indígenas e africanas presentes no país.

Embora haja registros das origens do São João como festa, ao longo do tempo, alguns elementos das celebrações foram perdidos e outros foram adicionados, o que fez com que as festividades fossem diferentes dependendo do local ou região em que ocorrem.

Para Silva, a celebração do São João é vista pela Igreja Católica como uma antecipação da chegada de Cristo. Ao mesmo tempo, o novo ciclo de colheitas que vem com o solstício de verão também é atribuído ao anúncio do advento revelado por João Batista. A introdução dessas celebrações no calendário católico fez com que elas se tornassem populares na Europa. Em alguns países europeus, os hábitos de culto foram incorporados e adaptados à cultura local (SILVA , 2017)

Dessa forma, as comemorações juninas no Brasil se tornaram uma mistura de diferentes influências, com danças típicas como a praça, música, fogos de artifício e pratos tradicionais como milho e canjica. A imigração portuguesa contribuiu para a manutenção e difusão dessas comemorações no Brasil, pois os portugueses trouxeram consigo suas tradições e as compartilharam com a população local.

Esta fusão cultural das culturas portuguesa e indígena resultou em festivais ricos e diversificados que se tornaram uma importante expressão da cultura brasileira. Com a conversão ao cristianismo, a Festa Junina sofreu algumas alterações.

O São João é uma festividade popular que geralmente tem um aspecto rural,

devido às suas origens e tradições arcaicas relacionadas ao mundo primitivo, do trabalhador do campo e efetivamente agrário. Essas celebrações ocorriam em locais pequenos, como aldeias, vilas e povoados distantes dos centros urbanos, especialmente em tempos tão antigos quanto os da era pré-cristã.

As pessoas que viviam nesses locais eram geralmente simples, de origem humilde, com poucos recursos e muitas vezes viviam da agricultura. Eles moravam em aldeias familiares onde praticamente todos se conheciam e predominava um modelo de vida comunitário, tranquilo e sem muitas opções de entretenimento. Quando chegava a época de São João, havia muitos motivos, além dos religiosos, para a organização de encontros e festividades coletivas, pois as festas eram um espaço plural para a manifestação das mais distintas sociabilidades. Essas celebrações ocorriam principalmente em áreas públicas, como praças, igrejas e pátios dessas pequenas aldeias e/ou povoados, onde as pessoas se reuniam para rezar, socializar, comer e se divertir ” (BARROSO, 2019).

3. AS FESTAS JUNINAS TRADICIONAIS E SUAS HERANÇAS CULTURAIS MÚLTIPLAS.

As festas religiosas populares de origem portuguesa começaram a adquirir elementos da cultura indígena ao longo do tempo, pois eram festas organizadas por “mestiços”, os chamados caboclos ou caipiras, ou seja, foram celebrados os “moradores do mato” ou moradores do interior. Mesmo com o avanço da urbanização até meados do século passado, as cidades mantiveram esses festivais com cores contrastantes.

Os santos juninos, especialmente São João e São Pedro, passaram a receber atributos de heróis míticos de origem tupi-guarã como Tupã e Karaí ou Karaíba. É possível que São João tenha sido identificado com Karaí-ru-ete ou Karaí, ser que se manifesta através do fogo, do chorisco e do “crepitar da chama”. É uma das quatro divindades do panteão Guarani (GODOY, 2003, p.74-75). É por isso que as fogueiras e as brasas são tão importantes nestas celebrações. No século XVI, os portugueses se autodenominavam Caribs, nome genérico para os demiurgos tupis (THEVET, 2009).

Pela pele branca, pelas armas de fogo que portavam e pela origem marítima, eram considerados demiurgos, e é nesse passado ancestral talvez explique por que toda família, principalmente no Nordeste, costuma acender uma fogueira na frente de

casa para homenagear o santo e pedir sua proteção. A festa de São João funde-se no Brasil com a festa do milho Tupi, comemorada em agosto quando se comemora o início do ano novo, tradição que ainda se mantém entre os Guarani Mbyá. Essa gente chama esse tempo de Ara Pyaú (Novo Tempo). Segundo Luciana Galante, “os ventos fortes (yvytu) começam nesta época, anunciando a chegada da primavera.

Chegou a hora do batismo da erva-mate, ka'a nheemongaraí, cujas previsões sobre o Ano Novo são interpretadas pelos Xeramoí [xamã]” (GALANTE, 2001).

Este não é apenas o momento de “batizar” a erva-mate, mas também de celebrar o Nheemongaraí, cerimônia de batismo em que as crianças recebem um nome guarani dado a elas por um xamã. Devido às influências católicas, esse ritual é chamado de “batismo guarani”. O que resta desta tradição indígena na nossa cultura Métis não é o “baptismo do milho” associado à bênção das primícias agrícolas, mas o “baptismo de uma boneca de milho”, como pude dizer, reconheço em uma foto da década de 1950 de um antigo morador da minha terra natal.

Neste caso, os significantes foram trocados, mantendo o significado básico. Esta festa da aldeia, que já não é realizada, oferecia às famílias a oportunidade de conhecerem os seus vizinhos.

São Pedro foi identificado com Tupã, o ser indígena todo-poderoso, “Senhor da Chuva e do Trovão”. Embora não seja o deus maior do panteão tupi, muitas vezes assume papel de destaque, segundo relatos de missionários e cronistas coloniais. O deus maior, que se chamaria Monã ou Monhã, não tinha culto e era um “deus oculto”. Como diz o capuchinho a Thevet: “Os selvagens deste lugar lembram-se do grande ser cujo nome em sua língua é Tupan, e acreditam que ele vive nas alturas e causa chuvas e trovões” (THEVET, 1978).

Essa ligação entre Tupã e São Pedro se manifesta em diversas regiões do Brasil, onde São Pedro é identificado como o responsável pelas chuvas: costuma-se dizer que em caso de seca é preciso “pedir chuva a São Pedro”, ou algo como “São Pedro, ele fez muita coisa na chuva” quando tem muita água. Existe até uma expressão popular “mandachuva” com duplo sentido: em seu significado original, atualmente desconhecido, pretendia referir-se a Tupã; Num sentido semelhante, refere-se ao líder, ou seja, “aquele que governa”.

3.2 QUADRILHA E SUA INFLUENCIA NAS FESTAS JUNINAS.

As festas juninas são celebrações populares que homenageiam os santos do

mês de junho: Santo Antônio, São João e São Pedro. Essas festas têm origem na Europa, onde eram chamadas de festas joaninas, em referência a São João. Os portugueses trouxeram essa tradição para o Brasil, mas também foram influenciados pelos bailes e pelas modas de outras cortes europeias, especialmente a francesa.

A influência francesa nas festas juninas se manifesta principalmente na dança da quadrilha, que vem do francês quadrille. Essa era uma dança de salão praticada pela nobreza francesa no século XVIII, que por sua vez derivava de uma dança inglesa chamada contredanse. O quadrille era composto por quatro casais que executavam uma série de passos ao som de uma música específica. Os nomes dos passos, como balancê, anavan, anarriê, changê, otrefoá, tur, alavantú e vis-à-vis, são todos de origem francesa e ainda são usados nas quadrilhas brasileiras. O puxador, ou marcador, é o responsável por coordenar a dança e anunciar os comandos.

Campina Grande, historicamente, sempre teve papel destacado como pólo disseminador de cultura dos mais destacados artistas comprometidos com a cultura nordestina, a exemplo dos cantadores de viola, emboladores de coco, poetas populares em geral e mesmo cantores e compositores de sucesso nacional no mundo da MPB. A cidade é palco para eventos festivos culturais, de acordo com as palavras de LIMA (2001, p. 20): “Sempre existiu na cidade toda uma sensibilidade para o lazer, para o lúdico e para festejar.” Segundo as tradições do mundo junino regional, que referenciam, principalmente, São João, culto ampliado por aglutinar as comemorações de Santo Antônio e São Pedro, o ciclo com simbologia religiosa cultural e seus elementos, como a fogueira, os fogos de artifício, as quadrilhas, as danças, o forró e as comidas típicas da época, são muito valorizados na cidade. A cidade é conhecida por abrigar o Maior São João do Mundo, que é uma das melhores festas típicas do Brasil.

A festa ocorre durante todo o mês de junho e toma conta da cidade. Palcos e ilhas de forró são distribuídos em vários pontos. Há campeonato de quadrilhas [Figura 1], várias corridas – incluindo a Corrida de Jegue – e muito espaço para dança, principalmente o forró. A Feira Central de Campina Grande é outra atração imperdível. Ela tem mais de seis quilômetros de extensão, entre ruas, becos e ladeiras, e reúne culinária típica, produtos regionais e muita música, através dos violeiros e emboladores de coco (LIMA, 2001).

[Figura 1] Quadrilha junina “Moleka 100 Vergonha” em Concurso de Quadrilhas Juninas na pirâmide do Parque do Povo.



Fonte: <https://g1.globo.com/pb/paraiba/sao-joao/2022/noticia/2022/05/10/faltando-1-mes-para-o-sao-joao-2022-de-campina-grande-quadrilhas-se-preparam-para-retorno.ghtml>

Assim, as festas juninas brasileiras são o resultado de uma mistura de elementos culturais de diferentes países e regiões, que foram adaptados ao longo do tempo. A influência francesa nas festas juninas é um exemplo de como a cultura popular pode incorporar e transformar as manifestações de outras culturas.

4. CAMPINA GRANDE E O MAIOR SÃO JOÃO DO MUNDO.

Campina Grande é uma cidade localizada no estado da Paraíba, no Brasil, que se destaca por realizar a maior festa de São João do mundo. A festa, que acontece durante todo o mês de junho, homenageia os santos juninos: Santo Antônio, São João e São Pedro. A festa atrai milhões de visitantes de todo o país e do exterior, que se divertem com os shows de grandes artistas, as quadrilhas, as comidas típicas e a animação do forró. A origem da festa remonta a 1983, quando foi criado o Parque do Povo, um espaço de 42 mil metros quadrados que é o principal palco dos festejos. O Parque do Povo é decorado com réplicas de prédios históricos de Campina Grande e tem uma grande pirâmide, onde ocorrem os principais shows da festa. Além do palco principal, há vários espaços destinados a quem prefere curtir de maneira mais tranquila, como as Ilhas do Forró, onde a música e a dança nunca param.

A festa de Campina Grande recebeu o título de maior festa junina do país, concedido pelo Instituto Ranking Brasil em 2022 [figura 2]. A festa de Campina Grande

é considerada maior do que a de Caruaru, no Pernambuco, que é a sua principal rival. Alguns dos motivos que dão o título a Campina Grande são: a duração da festa, que é de 31 dias; o número de atrações musicais, que chega a 200; e a tradição da festa, que é a mais antiga do país.

[Figura 2] Recebimento do título de “maior festa junina do país” pelo prefeito à época Bruno Cunha Lima (2022).



Fonte: <https://g1.globo.com/pb/paraiba/sao-joao/2022/noticia/2022/07/11/sao-joao-de-campina-grande-recebe-titulo-de-maior-do-brasil.ghtml>

Elizabeth Christina de Andrade Lima, em seu livro “A Fábrica dos Sonhos”, apresenta uma análise sobre a instituição da festa junina de Campina Grande, investigando as práticas e os discursos que tornaram possível a existência dessa festa no espaço urbano. Segundo a autora, a festa junina é uma invenção que atende às questões que envolvem cultura contemporânea, política e economia

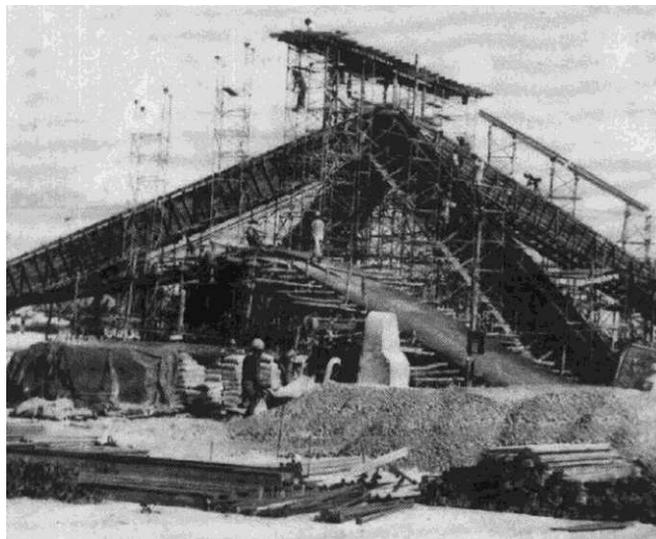
Assim, Campina Grande e o maior São João do mundo são um símbolo da cultura popular nordestina, que incorpora e transforma as manifestações de outras culturas. A festa é uma oportunidade de celebrar a fé, a alegria e a diversidade do povo brasileiro.

4.1 A HISTORIA DO PARQUE DO POVO

O Parque do Povo é um espaço público localizado no centro de Campina Grande, na Paraíba, que sedia diversos eventos culturais, especialmente o Maior São João do Mundo, a maior festa junina do país. O Parque do Povo possui uma área de 42.500 metros quadrados e conta com uma estrutura que inclui palcos, barracas, restaurantes, bares, banheiros e uma pirâmide, que é a única área coberta do Parque.

A origem do Parque do Povo remonta a 1983, quando foi criado o projeto de um local adequado para as comemorações juninas, que antes eram realizadas nas ruas da cidade. O terreno escolhido era conhecido como “coqueiros de José Rodrigues”, por ser uma área verde com muitos coqueiros. O local foi projetado pelo arquiteto Carlos Alberto de Almeida e construído pela Enarq [figura 3]. O Parque do Povo foi inaugurado em 14 de maio de 1986 [figura 4], na gestão do ex-prefeito Ronaldo Cunha Lima, com o objetivo de oferecer um espaço de lazer, cultura e turismo para a população.

[Figura 3] Construção da pirâmide do Parque do Povo (1986).



Fonte: <https://cgretalhos.blogspot.com/2017/06>

[Figura 4] Inauguração do Parque do Povo (14/05/1986).



Fonte: <https://cgretalhos.blogspot.com/2017/06>

O Parque do Povo se tornou o principal palco dos festejos de São João, que acontecem durante todo o mês de junho e homenageiam os santos juninos: Santo Antônio, São João e São Pedro. A festa atrai milhões de visitantes de todo o país e do exterior, que se divertem com os shows de grandes artistas, as quadrilhas, as comidas típicas e a animação do forró. A festa de Campina Grande recebeu o título de maior festa junina do país, concedido pelo Instituto Ranking Brasil em 2022.

O Parque do Povo também é palco de outros eventos, como o Encontro para a Consciência Cristã, o Campina Grande Moto Fest, o Presépio Vivo de Natal e a transmissão dos jogos da seleção brasileira nas Copas do Mundo. Durante as Copas do Mundo, os jogos do Brasil são exibidos no Parque do Povo, que recebe uma decoração especial em homenagem ao país. Em 2006, a pirâmide do Parque do Povo foi reformada e recebeu novas cores e um novo sistema de cobertura.

Em 2012, o Parque do Povo foi revitalizado por completo, com um sistema de drenagem, banheiros modernos e uma nova iluminação. O ambiente é um símbolo da cultura e da identidade de Campina Grande, que recebe milhões de visitantes todos os anos para celebrar a fé, a alegria e a diversidade do povo nordestino.

4.2 A VARIEDADE MUSICAL NOS DIFERENTES AMBIENTES DO PARQUE DO POVO

Com a revitalização que ocorreu no ambiente do Parque Do Povo, o palco principal que antes ficava localizado na “parte de baixo”, acabou sendo remanejado para o piso superior, localizado de frente a Praça Evaldo Cruz (Açude Novo). Com esse novo layout [figura 5], a “distribuição” dos ritmos musicais agora se apresentava de uma nova forma, onde na parte superior, local em que fica o palco principal, teríamos um maior leque de ritmos, com apresentações de bandas de forró eletrônico, sertanejo, funk, brega e até mesmo música eletrônica.

Em contrapartida, na parte inferior do local da festa, teríamos a pirâmide, em que há a presença do forró mais tradicional e o forró eletrônico, onde vemos uma maior participação de artistas e bandas do município, além também de outras cidades da Paraíba. Ainda nesse piso inferior, temos as ilhas de forró, em que prevalece os trios de forró “pé de serra”, chamado pelos festejantes de “forró raiz”. Inclusive, a introdução de cada vez mais ritmos musicais distintos, e o debate entre os chamados “raiz x nutella” leva a uma discussão que aumenta a cada ano.

[Figura 5] Layout do Parque do Povo para o São João 2013, com alteração do local do palco principal, estrutura que se mantém até a atualidade.



Fonte: <http://www.grandecampina.com.br/2013/05/veja-como-ficara-o-novo-layout-do.html?m=1>

Isso, pois àqueles apegados a traços culturais mais “tradicionais”, acreditam que a introdução de ritmos como funk ou música eletrônica, por exemplo, acabam fugindo do que seria a cultura popular do São João, seguindo assim pela ideia de “cultura popular” trazida por Waldenyr Caldas (1986, p.69), “a cultura popular pode entender-se como aquela parte da cultura produzida pelo povo e para o próprio povo”. Contudo, é muito importante entendermos como é construído o imagético do que seria ou não essa cultura popular, pois como nos trás Silva (2016, p.26) “os critérios para classificar o que é ou não cultura popular, ou diferenciar a produção e o consumo dessa cultura, são estabelecidos pela classe dominante”.

Nesse sentido, conseguimos entender que muitas vezes, o processo de modernização da cultura acabada estando atrelado aos interesses das classes dominantes, conforme trás Silva (2016, p.37) “A nova organização sociocultural imposta se caracteriza por um autoritarismo generalizado que tolhe a criatividade e a espontaneidade dos artistas e dos consumidores, porque o indivíduo é constrangido a adaptar-se ao que lhe é oferecido. Assim, o empresário da indústria cultural indica, baseado em pesquisa, o que será melhor para o público, que se convence e acaba

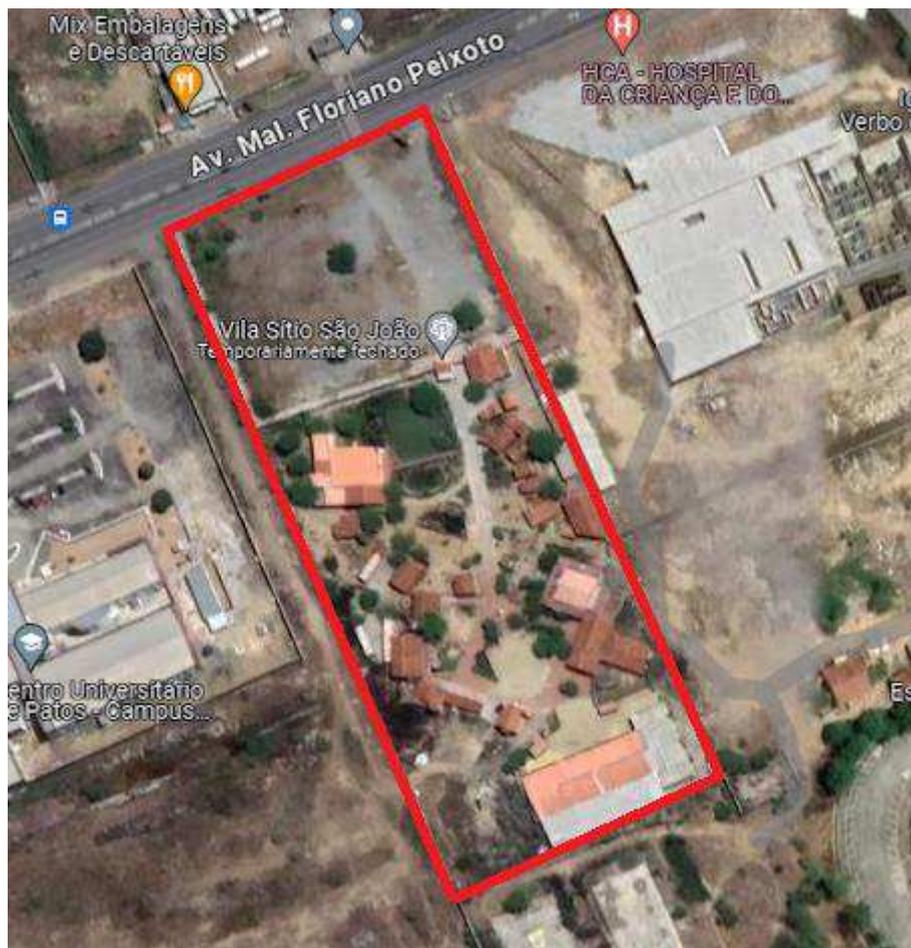
por aceitar tal indicação devido à grande divulgação.”.

4.3 VILA SÍTIO SAO JOÃO EM CAMPINA GRANDE

A Vila Sítio São João é um espaço público que recria uma cidade cenográfica inspirada na cultura e na história do Nordeste brasileiro. Esse local é uma das principais atrações turísticas de Campina Grande, especialmente durante o período junino, quando sedia shows, exposições e apresentações culturais.

A Vila Sítio São João surgiu em 2018, como uma reformulação do antigo Sítio São João, que funcionava desde 2009 no bairro Catolé. O novo espaço tem mais que o dobro do tamanho anterior e está com a estrutura totalmente refeita, em busca de uma estratégia de modernização. Esse novo ambiente fica na Avenida Floriano Peixoto, em uma área próxima ao ginásio O Meninão, no bairro Dinamérica, em Campina Grande [figura 6].

[Figura 6] Área atual da Vila Sítio São João.



Fonte: Google Maps (2023).

A nova Vila Sítio São João é um projeto idealizado pelo empresário Jomário Souto, que quis homenagear a memória e a tradição do povo nordestino. Lá é reproduzido uma típica vila do interior, com casas de taipa, igreja, escola, bodega, engenho, casa de farinha, museu, mini zoológico, parque de diversões e palco para shows. Os visitantes podem conhecer as obras de artesanato, a produção e a degustação de comidas típicas e as diversas manifestações culturais da região.

Essa atração da região se destaca por realizar uma das maiores festas juninas do país, que acontece durante todo o mês de junho e homenageia os santos juninos: Santo Antônio, São João e São Pedro. A festa atrai milhões de visitantes de todo o país e do exterior, que se divertem com os shows de diversos artistas, as quadrilhas, os casamentos matutos e a animação do forró. A Vila Sítio São João divulga anualmente a programação completa com as atrações de shows, que incluem nomes, principalmente do forró eletrônico, como Walkyria Santos, Luan Estilizado, Limão com Mel, Eliane, Magníficos, Vicente Nery, Mara Pavanelly, entre outros.

A Vila Sítio São João é um símbolo da cultura e da identidade de Campina Grande, que recebe milhões de visitantes todos os anos para celebrar a fé, a alegria e a diversidade do povo nordestino. A vila é um espaço de lazer, cultura e turismo que valoriza e preserva as raízes e as tradições do Nordeste brasileiro.

5. OLIGARQUIA E PODER POLITICO E SUA RELAÇÃO COM A CONSTRUÇÃO DO MAIOR SAO JOAO DO MUNDO .

A construção do maior São João do mundo em Campina Grande está relacionada com a história política e econômica da cidade, que foi marcada pela presença e pela influência das oligarquias locais. As oligarquias são grupos sociais que detêm o poder político e econômico em uma determinada região, geralmente formados por grandes proprietários de terras, de indústrias ou de comércio. Na República Oligárquica (1894-1930), o Brasil foi dominado pelas oligarquias rurais, principalmente as de São Paulo e Minas Gerais, que se revezavam no poder federal por meio da política do café-com-leite. Essas oligarquias controlavam o voto dos eleitores por meio do coronelismo, que era a prática de trocar favores ou usar a violência para garantir a fidelidade política dos eleitores. A política dos governadores era o acordo entre o governo federal e os governos estaduais, que se apoiavam mutuamente para manter o domínio das oligarquias.

A festa é uma dimensão política que pode ter vários significados. Em relação à

política, ela tem sido usada para legitimar as relações de poder dos políticos locais. Jacques Heers, ao observar a relação estratégica entre a festa e a política, afirma que a festa é um reflexo da sociedade e de suas intenções políticas.

A celebração pública enaltece as autoridades, enquanto a celebração privada reforça as relações de clientelismo e as audiências sociais. Elas não são nem jogos nem meros espetáculos, mas sim forças que têm um grande impacto nos equilíbrios e nas hierarquias, elementos decisivos para construir ou manter reputações (HEERS, 1987).

Campina Grande foi uma das cidades que se desenvolveu economicamente nesse período, graças à produção de algodão, que era exportado para o mercado internacional. A cidade também se destacou pela presença de uma classe média urbana, formada por comerciantes, profissionais liberais e intelectuais, que buscava maior participação política e social. Essa classe média se opunha às oligarquias locais, que eram formadas pelos grandes fazendeiros de algodão e pelos políticos tradicionais, que controlavam a vida política da cidade e do estado. Essas oligarquias se aliavam às oligarquias nacionais, que representavam os interesses dos cafeicultores de São Paulo e Minas Gerais.

A oposição entre as oligarquias locais e a classe média urbana de Campina Grande se manifestou em vários momentos históricos, como a Revolução de 30, que pôs fim à República Oligárquica e levou Getúlio Vargas ao poder; a Revolta de Princesa, que foi um movimento separatista liderado pelo coronel José Pereira Lima, que se rebelou contra o governo estadual; e a Aliança Renovadora Nacional (Arena), que foi o partido político que apoiou a ditadura militar (1964-1985) e que tinha como principal líder na Paraíba o senador Ruy Carneiro, que era de Campina Grande.

A construção do maior São João do mundo em Campina Grande foi uma forma de afirmar a identidade cultural e a autonomia política da cidade, que sempre se sentiu marginalizada e explorada pelas oligarquias locais e nacionais. A festa foi idealizada pelo ex-prefeito Ronaldo Cunha Lima, que era um político de oposição às oligarquias e que tinha como base eleitoral a classe média urbana. A festa foi uma forma de valorizar a cultura popular nordestina, que incorpora e transforma as manifestações de outras culturas, como a francesa, a portuguesa e a africana. A festa também foi uma forma de atrair investimentos, gerar empregos e renda, e promover o turismo na cidade, que se tornou um polo de desenvolvimento regional.

Assim, a relação entre a oligarquia e o poder político na construção do maior São João do mundo em Campina Grande é uma relação de conflito e de resistência,

que expressa as contradições e as diversidades da sociedade brasileira. A festa é uma oportunidade de celebrar a fé, a alegria e a diversidade do povo brasileiro.

Ao pesquisar a festa do 'Maior São João do Mundo' em Campina Grande, percebemos que a política local é dominada pelos políticos, não pelos partidos, o que contradiz as análises e teorias políticas modernas. Isso mostra que é necessário repensar a maneira como entendemos a política local e nacional. Em nosso estudo, descobrimos que o lugar dos partidos é ocupado pelos 'bons políticos', que são aqueles que organizam e participam das festas com o povo. A festa, portanto, é um espaço político concreto onde a política é vivida e percebida como uma relação particular entre as pessoas(LIMA , 2010)

Ronaldo José da Cunha Lima é considerado o líder carismático do 'Grupo Cunha Lima', um grupo político que congrega simpatizantes e eleitores de políticos. Ele é aclamado como o 'político poeta' e é conhecido por sua proximidade com o povo. Ronaldo é uma pessoa humilde que conhece todos pelo nome e é frequentemente visto entrando em bares campinenses tarde da noite para fazer versos e tratar todos com igual simpatia.

De acordo com Mello (2008), que estudou a história do PMDB na Paraíba, o antigo MDB, ao escolher Ronaldo Cunha Lima como candidato à prefeitura de Campina Grande nas eleições de 1968, procurou um vice que desse credibilidade à chapa e gerasse confiança entre os segmentos da alta classe média campinense, que não simpatizavam com o 'jeitão boêmio e rua' de Ronaldo. Orlando Almeida, genro do senador Argemiro de Figueiredo, foi escolhido como vice.

E é através de todo o imaginário em torno da figura emblemática de Ronaldo Cunha Lima e sua criação que chegamos à construção do 'Maior São João do Mundo'.

CAPITULO 2

6. QUAL O PAPEL DA MÍDIA NO SÃO JOAO DE CAMPINA GRANDE?

O papel da mídia no maior São João do mundo em Campina Grande é fundamental para divulgar e valorizar a cultura popular nordestina, que é a base da festa [figura 7]. A mídia é responsável por cobrir os eventos, entrevistar os participantes, transmitir os shows, mostrar as atrações e as curiosidades da festa, além de promover o turismo na região. A mídia também contribui para fortalecer a identidade e a autoestima dos campinenses, que se orgulham de realizar o maior São João do mundo, além de amenizar a saudade, levando o evento para àqueles que

estão distantes fisicamente das festividades, seja em outros estados do Brasil ou até mesmo em outro país.

[Figura 7] Divulgação por meio dos jornais televisivos sobre a data de início do evento.



Fonte: <https://globoplay.globo.com/v/10657267/>

Inclusive, com relação a forma como o São João, juntamente com o forró, representam esse afeto e saudade de seu local de origem, Draper (2014, p.61) “De um modo geral, saudade é um desejo por alguma coisa, alguém ou algum lugar que está distante em tempo ou espaço ou que tenha sido irremediavelmente perdido. [...] mas o forró em si dá uma contribuição única à expressão artística desse fenômeno. Não há outra produção cultural que coletiviza efetivamente este desejo ou nostalgia.”.

Sendo assim, os canais midiáticos encontraram varias formas de sanarem essa nostalgia aos que estavam longe, além de proporcionarem ainda mais a vivência junina aos foliões, como é o caso do “Momento Junino”. Esse programa que é televisionado desde o ano 2000 pela TV Borborema, afiliada do SBT, ocorre na pirâmide do Parque do Povo e acontece todos os sábados durante os 30 dias de São João, e conta com shows de diversas bandas e artistas, como por exemplo Os 3 do Nordeste, Amazan e Capilé.

O SBT é uma das maiores emissoras da região Nordeste, como trás Lusvarghi (2009, p.8) “Os três maiores grupos em atividade na região Nordeste são a Globo, o SBT e a Record”, logo tem um forte impacto no processo de divulgação e globalização da cultura junina campinense. Além da veiculação por meio da televisão, com a utilização cada vez maior das redes sociais digitais, a mídia tem alcançado cada vez mais pessoas, utilizando-se por exemplo do Facebook e Instagram [figura 8] para

divulgação tanto da programação do “Maior São João do Mundo”, como também de eventos paralelos, como é o caso do Momento Junino.

[Figura 8] Divulgação da mídia através das redes sociais digitais.



Fonte: <https://www.instagram.com/p/CtHfronxhV9/?igshid=NTYzOWQzNmJjMA==>

Nos últimos dez anos, esse papel da mídia teve foi se tornando ainda mais importante na consolidação e na expansão da festa, que recebeu o título de maior festa junina do país, concedido pelo Instituto Ranking Brasil em 2022. A mídia também ajudou a divulgar a festa para outros públicos, como os estrangeiros, que passaram a visitar a cidade para conhecer a tradição junina. A mídia também foi um canal de comunicação entre a organização da festa e os visitantes, informando sobre a programação, os serviços, a segurança e a infraestrutura da festa.

A mídia também teve um papel crítico na festa, apontando os problemas, as dificuldades e os desafios que a festa enfrentou nos últimos anos, como a crise econômica, a pandemia da Covid-19 [figura 9], a poluição sonora, o lixo, o trânsito, a violência, a descaracterização cultural, a invasão de ritmos estranhos ao forró, entre outros. A mídia também foi um espaço de debate e de reflexão sobre os rumos e as perspectivas da festa, que envolve questões sociais, econômicas, ambientais e culturais.

[Figura 9] Edição impressa e digital do jornal “O Estado de São Paulo” menciona o cancelamento das festividades juninas em caráter presencial devido a pandemia, e destaca o “São João Virtual” adotado pelo “Maior São João Do Mundo” (2020).



Fonte: <https://turismoemfoco.com.br/v1/2020/06/02/jornal-o-estado-de-s-paulo-destaca-sao-joao-virtual-em-campina-grande/>

Assim, o papel da mídia nos últimos dez anos no maior São João do mundo em Campina Grande foi de grande relevância para a festa, que se tornou um símbolo da cultura e da identidade de Campina Grande, que recebe milhões de visitantes todos os anos para celebrar a fé, a alegria e a diversidade do povo nordestino.

7. TURISMO E SEU IMPACTO ECONOMICO NOS FESTEJOS JUNINOS DE CAMPINA GRANDE.

Com base em uma pesquisa realizada pelo Ministério do Turismo, os festejos juninos são responsáveis por injetar milhões de reais na economia do país 1. Em Campina Grande, a movimentação financeira é estimada em R\$ 200 milhões,

crescimento de 25% em relação a 2016. O Parque do Povo, local da festa, recebeu 2,5 milhões de visitantes nos 30 dias de evento.

A vocação dos festejos juninos como indutores do turismo no Brasil fica mais evidente a cada ano, com os números da movimentação turística e econômica dos destinos que realizam uma das mais tradicionais festas da cultura brasileira . O Nordeste confirma sua vocação como realizador de grandes festejos juninos.

Desde 2013, o turismo na época de São João em Campina Grande tem sido um dos principais motores da economia local. A cidade, que é conhecida como a capital do forró, atrai turistas de todo o Brasil e do mundo para as festividades juninas. A festa é realizada no Parque do Povo, que é transformado em um grande arraial com barracas de comidas típicas, brincadeiras e shows de artistas renomados.

De acordo com a Secretaria de Desenvolvimento Econômico de Campina Grande, a festa de São João é responsável por gerar cerca de 20 mil empregos diretos e indiretos na cidade . Além disso, a festa movimenta diversos setores da economia, como o comércio, a hotelaria e o transporte. Segundo a Associação Brasileira da Indústria de Hotéis (ABIH), a ocupação hoteleira em Campina Grande durante o período junino chega a 100% .

A festa de São João em Campina Grande é um exemplo de como o turismo pode ser um importante fator de desenvolvimento econômico para uma cidade ou região. Através da realização de eventos culturais e festividades, é possível atrair turistas e gerar empregos e renda para a população local.

A Covid-19 e o maior São João do mundo em Campina Grande têm uma relação de impacto e de adaptação, que envolve os desafios e as oportunidades da festa diante da pandemia. Em 2020, a festa foi cancelada pela primeira vez em sua história, por causa das medidas de restrição impostas pelas autoridades sanitárias para conter a disseminação do vírus. Em 2021, a festa foi realizada de forma virtual, com transmissões ao vivo pela internet, que contaram com a participação de artistas locais e nacionais. A festa também teve uma programação solidária, que arrecadou doações para os profissionais da cultura e para as famílias carentes afetadas pela crise. Em 2022, a festa está prevista para acontecer de forma presencial, seguindo os protocolos de segurança e de prevenção da Covid-19. A festa também deve ter uma programação diurna, além da noturna, com atividades regionais voltadas às famílias.

Assim, a Covid-19 e o maior São João do mundo em Campina Grande são temas que se relacionam e se influenciam, pois ambos expressam a realidade e a esperança do povo brasileiro. A Covid-19 é uma doença que trouxe muitas perdas,

sofrimentos e mudanças para a sociedade, que exigiu resiliência, solidariedade e cuidado. O maior São João do mundo é uma festa que celebra a cultura, a fé, a alegria e a diversidade do povo nordestino, que se adaptou, se reinventou e se prepara para voltar a brilhar.

Segundo o Portal g1 o São João de Campina Grande em 2023 completou 40 anos e foi um grande sucesso. A festa atraiu cerca de 2,5 milhões de visitantes durante os 32 dias de evento. A movimentação financeira é estimada em R\$ 500 milhões, segundo a prefeitura da cidade de Campina Grande que cedia a festividade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS.

Os festejos juninos são uma oportunidade para refletir sobre a condição humana ao longo da história. A simbologia presente nas tradições da festa nos leva a pensar sobre a luta do homem para superar suas dificuldades e problemas diários, e manter-se firme em seus propósitos, mesmo que ele viva em condições semelhantes em sua própria terra ou em um lugar para onde tenha migrado.

As tradições não são algo fantasioso, mas sim perceptíveis no conjunto de procedimentos, costumes e crenças de uma dada sociedade, que se repetem ao longo do tempo, sobrevivendo na vida das pessoas e fazendo parte de práticas e conjuntos de memórias passadas de geração em geração, que se alteram gradualmente. Através das manifestações culturais, como os festejos juninos, as tradições e os costumes de um povo são mantidos vivos, preservando assim sua identidade para as gerações futuras e mantendo vivas as práticas que foram se perdendo com o passar dos anos.

Os fenômenos abordados e seus respectivos temas transcritos neste artigo servem para identificar e analisar o estudo e a essência das coisas e como elas são percebidas na festa de São João de Campina Grande. A cidade assume, incentiva e consome as flutuações culturais da atualidade, reinventando tradições na linguagem da eletrônica do Parque do Povo, comprovando que questões de identidade, cultura, tradicionalismo ou inovação não são geográficas, mas inerentes ao conteúdo evolutivo que se abre para a modernidade, cosmopolitismo e trocas com o mundo global.

Também é indicado uma clara primazia da ação estratégica, no trabalho, na qual o consenso do espaço público tende a se diluir nos imperativos políticos e mercadológicos envolvidos na 'profissionalização' de uma celebração que nasce na esfera pública.

Essa esfera pública, onde o São João campinense teve origem, está cada vez mais desprovida de seu sentido de conagração e homenagem a uma entidade religiosa, sentidos estes que foram substituídos pelo de fruição de uma festividade. Assim, a celebração, que tem suas raízes na esfera pública e é baseada em valores como solidariedade e cooperação (valores que caracterizam a ação comunicativa e, portanto, o espaço público), torna-se um patrimônio, passível de ser gerido pelo Estado (burocratização) e pelo mercado (monetarização), configurando um processo de colonização.

Por outro lado Campina Grande e sua grande festa têm amplas possibilidades para políticas públicas que evitem projetos excessivamente dependentes do capital e das relações de cada agente, produtor cultural ou artista com o circuito mercadológico da arte e cultura. Em outras palavras, o investimento público deve ser independente na função de firmar parcerias e captar patrocínios, em atos transparentes, de forma a conseguir a aquiescência popular, a qual pode se transformar em adesão à festa, em estímulo para o espírito lúdico participativo. Esse tipo de procedimento requer clareza e objetividade em relação às metas pretendidas, cuidados que facilitam até mesmo o financiamento das atividades artísticas e culturais locais por parte dos poderes estadual e federal, assim como o investimento de empresas privadas.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

Amaral, R. (1998). Festa à brasileira - Significados do festejar no país que “não é sério” Tese de doutoramento, Universidade de São Paulo]. Biblioteca Digital USP

SILVA, Daniel Neves. "**Origem da festa junina**"; Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/detalhes-festa-junina/origem-festa-junina.htm>. Acesso em 17 de novembro de 2023.

MORAES, Mello. Festas e Tradições Populares do Brasil. São Paulo: Edusp, 1976

Jiaqi, L. (2021). Festas tradicionais de Portugal e da China [Dissertação de mestrado, Universidade do Minho].

Silva, J. H. (2017). Quadrilha Junina Babaçu: Processos folkcomunicacionais, identidade e representações culturais [Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Norte]. Repositório Institucional UFRN.

HEERS, Jacques. Festas de Loucos e Carnavais. Lisboa, Dom Quixote, 1987.

LIMA, Elizabeth Christina de Andrade. A fábrica dos sonhos: a festa do maior São João do mundo. Fortaleza, CE: UFCE, 2001.

LIMA, E. C. d. A. A fábrica dos sonhos: a invenção da festa junina no espaço urbano. João Pessoa: Idéia, 2002.

Barroso, H. (2019). Dança Joaquim com Zabé, Luiz com Iaiá, dança Janjão com Raqué e eu com Sinhá: A espetacularização da festa e o caráter performativo do gênero nos festejos [Tese de doutoramento, Universidade Federal do Ceará].

THEVET, André. A cosmografia universal de André Thevet, cosmógrafo do rei. Rio de Janeiro: Fundação Darcy Ribeiro, 2009.

GALANTE, Luciana. Investigação etnobotânica na comunidade Guarani Mbya de Tekoa Pyau. 2001.

GODOY, Formas, cópias, regressões e fragmentações em mitologias ameríndias, Trabalho de conclusão de curso, Universidade Federal do Paraná, 2011.